LINGUA INDIGENA

O nome—Ceará

(Ao Snr. Cunha Mendes).

Volto á carga sobre o nome *Ceará*. Tenham paciencia os leitores; mas, uma circumstancia despertou em mim maior convicção de que, no nome *Ceará*, o indigena assignalava a existencia das molestias ou febres naquella região, assolada, como sabemos, pelas seccas periodicas, porém frequentes.

Estava eu revendo as provas do *Diccionario Geographico*, quando dei com o nome *Saraá-saraá* ou *sará-sará*, que é o de uma parte da varzea Guassahy, no municipio da Cutia. «*Sará-sará*, ou *Saraá-saraá*, corruptela de *ç—araá—ç—araá*, «muitissimo doentio»: de *ç*, relativo, por ter *r* o verbo *araá*, «enfermar, ser doentio», repetido para exprimir o superlativo».

Fui depois ver a referencia ás grammaticas de Montoya e Figueira, no estudo comparativo feito na introducção do *Diccionario*, e lá encontrei o seguinte: «Os relativos e os reciprocos são de um alto valor na lingua tupy. Os relativos são *i* ou *j* (segundo o nome principia

por consoante ou por vogal) o *ç*, *h*, e *t*. O indigena do norte quasi não usa do *h* como relativo; usa muito do *ç*, nos casos em que o indigena do sul emprega o *h*, isto é, em nomes que começam por *t*, *r*, ou que recebem *r*.»

Ora, não tendo eu completa reminiscencia da explicação dada por meu pae, lembro-me, comtudo (e neste ponto perfeitamente), de que elle dava ao nome *Ceará* uma significação relativa ás molestias ou febres que costumam dar naquellas regiões assoladas pela secca. E, então, decompuz o nome *Ceará* em *Ce-araí*, dando á palavra *Cé* a significação *de costume*, como genitico, exprimindo o modo de ser ou de estar, e á palavra *araá* (composta, segundo MONTOYA, de *ara*, «tempo» e *á* «cair» e significando, segundo o mesmo MONTOYA, «enfermidades de quentura»), a significação de *molestias do calor ou da secca*.

Contra isto foi allegada a graphia *Siará* ou *Ciará*, usada por alguns, especialmente por escriptores hollandezes. Pois bem: mesmo assim, isto é, mesmo admittida esta graphia, a minha interpretação ainda se torna mais grammatical. O nome *Ciará* fica perfeitamente decomposto — *Ç*, relativo, e *araá* «enfermar, ser doentio». E, se esta decomposição não fosse sufficiente para explicar aquella graphia, o nome *Ciará* ainda póde ser assim decomposto *Ç-ie-araá*; pois em tupi, a particula *ie* soe ser empregada para passivar os verbos e, muitas vezes, como «reciproco em si mesmo», segundo ensina MONTOYA, significando o nosso «se», quando apassivamos verbos cuja acção não possa ser exercida pelo sujeito. Assim, a palavra *Ceará* ou *Ciará*, decomposta em *Ç-ie-araá*, significando «fica-se doente», e referindo-se ao facto de ser doentía aquella região, é interpretada muito mais grammaticalmente do que na decomposição *Cii-ará*, significando a conjecturada abundancia de papagaios. E nem quero referir-me a outras explicações, que peccam pela base, isto é, por completamente extranhas á lingua tupi.

Si o nome, sem corrupção nem corruptela, exprime perfeitamente um facto ordinario naquella região, que preceito de logica, que principio de hermeneutica nos auctorisam a corrompel-o e a dar-lhe differente traducção?

Sei que tenho contra mim a auctoridade muito respeitavel dos que deram interpretação contraria; mas, a auctoridade é apenas um argumento *indirecto;* e o assumpto é da ordem daquelles que sómente se resolvem por argumentos *directos*.

JOÃO MENDES JUNIOR.

(D'*O Estado de S. Paulo*, n.º 8514, 1902).